



AVENÇA

# VILA VERDE

QUINZENÁRIO REGIONALISTA

VISADO PELA CENSURA

(Composição e Impressão: Escola Gráfica da Oficina de S. José—BRAGA—Telef. 22634)

PROPRIEDADE: Nossa Senhora do Alívio	DIRECTOR E EDITOR: Cónego Domingos Peixoto da Costa e Silva	REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Padre Severino Pereira Fernandes Telef. 92123—Residência Paroquial de Prado—Braga
---	--	---

## Organização da Lavoura, no Concelho de Vila Verde

### Cooperativa dos Vinhos e Mútua Bovina

Depois de tanto martelar sobre a situação da nossa lavoura parece que, nos responsáveis e nos lavradores, começa a surgir a consciência dos problemas, a necessidade de encontrar soluções, e, em primeiro lugar, o caminho da organização.

Vai se diluindo a ideia inveterada de que tudo depende do Estado e das entidades oficiais. Feriram-se de apregoar, aos quatro ventos, que tudo quanto de mal acontece aos nossos lavradores é por incúria dos Grêmios da lavoura. Deixaram loucamente a esperança de que, dissolvendo estes organismos corporativos, viriam melhores soluções.

Por toda a parte se ouvia clamar a formação de novos organismos para substituir os Grêmios da lavoura. Tem sido um erro. Não discuto se os Grêmios da lavoura têm dado ou não todas as suas possibilidades ao serviço desta grande causa nacional. Uma coisa é indiscutível — são organismos básicos da organização da lavoura, não só no campo meramente associativo, mas também económico. Nem o cooperativismo nem o mutualismo podem satisfatoriamente substituir esse órgão essencial.

Todas estas organizações especializadas, que visam o fomento da lavoura em determinados campos económicos, têm de pressupor a existência duma associação com possibilidades de unir, num plano superior, todos os lavradores, fomentando todas as organizações

económicas necessárias à consecução da resolução dos problemas da lavoura. Basta aos Grêmios da lavoura manter o seu carácter associativo, representativo, coordenador de todas as actividades de organização agrícola para os tornar insubstituíveis.

Temos pressentido muitas correntes. Já não falo dos que querem a morte dos Grêmios; são os que só pretendem a destruição, o negativismo. São bastantes os que não querem reconhecer que os Grêmios tiveram de lutar contra o espírito individualista da nossa massa agrícola; sofreram a influência de terem, durante a guerra, de exercer funções de coordenação de venda de produtos, etc., que os desviou do verdadeiro caminho em determinados casos ou tempos.

Há uma corrente que julga poder só com os Grêmios solucionar toda a organização da lavoura; outra corren-

ta pensa que as novas organizações cooperativistas devem formar-se independentemente e à margem dos Grêmios da lavoura, e mesmo contra eles.

Julgo, e a experiência o tem confirmado, que a melhor forma é, embora os movimentos cooperativistas mantenham nos seus organismos vida própria e a sua independência, contudo devem estar ligados por espírito de coordenação aos Grêmios da lavoura; não os dispensam e muito menos os substituem.

Já em artigos mostrei como diversos Grêmios da lavoura formaram, auxiliaram, várias cooperativas, apesar de manterem a sua vida própria.

É preciso caminhar a passos firmes. Deixem-se os lavradores de ressentimentos, de ideias preconcebidas com intuídos políticos. O caminho a seguir é o de união à volta do Grémio da lavoura, como organismo principal associativo, e através dele, sob seu impulso, protecção e orientação, ainda com a assistência dada pelos diversos serviços dos Postos Agrários, Comissão de Vinicultura da Região dos Vinhos Verdes e de outros organismos oficiais do Estado, formar as cooperativas e as mútuas.

A doutrina da Igreja, expressa na encíclica «Mater et Magistra», do actual Papá João XXIII, inclina-nos a essas organizações, que o Estado Novo acarinhava e facilita.

O então Secretário da Agricultura, Sr. Dr. Moita Campos, da nossa região, lançou pelo país um movimento de fé, que se traduziu em legislação adequada. É necessário não esmorecer.

No Concelho de Vila Verde, o Grémio da lavoura tomou consciência de que tem a responsabilidade de organizar uma lavoura depauperada. Assim, graças ao seu auxílio e iniciativa e a bons vilaverdenses, como o Sr. Dr. Domingos da Silva Pereira, está em organização uma Cooperativa dos Vinhos Verdes.

Já estão inscritos os maiores lavradores e os que têm responsabilidades orientadoras neste Concelho. Perfazem já mais de mil pipas de vinho. Contudo é necessário que não descurem a inscrição os outros vinicultores.

Precisamos de uma Cooperativa para seis mil pipas. Se descurarem a inscrição imediata no Grémio da lavoura, teremos uma pequena Cooperativa, e depois todos se queixarão de não poderem ser lá recebidos os seus vinhos, como está a acontecer nas outras Cooperativas.

(Continua na quarta página)

### O Cancro da Emigração

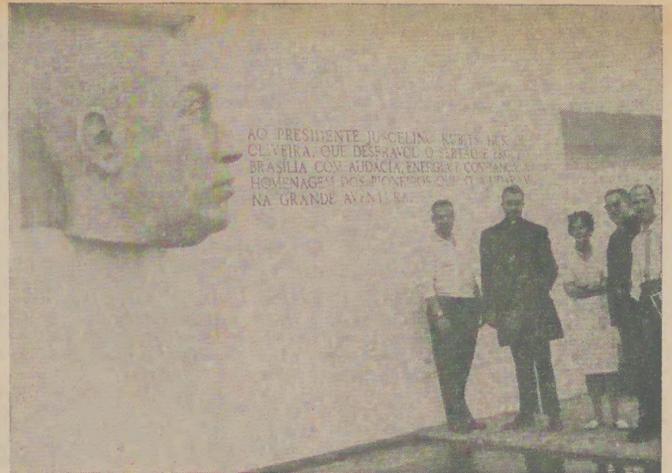
II

O artigo do Sr. Padre Diogo, em «O Vilaverdense» de 11 de Novembro do ano findo, depois de tecer alguns imerecidos elogios ao que tenho, também, escrito neste jornal, afirma que «há razões que militam pela emigração» e cita uma passagem da encíclica «Mater et Magistra», a qual nota que «em não poucos países existem acentuadas desigualdades entre territórios e populações, que n'alguns de facto, há carência de homens e abundância de terrenos cultiváveis, enquanto que nos outros abundam os homens e faltam os terrenos susceptíveis de serem cultivados».

Ora, o que acontece quanto a nós, portugueses, é que, precisamente, temos territórios a mais e gente a menos. Não faço mesmo conta, para já, da vastidão das regiões ultramarinas onde a deplorável e condenável deficiência numérica do português branco é a causa precipua das gravíssimas dificuldades que se entolham. Reservo a minha referência ao quase que abandonado a que estiverem votadas as nossas províncias do Ultramar para fecho destas minhas considerações.

Ninguém mais do que eu reconhece o baixíssimo nível de vida que se verifica em muitas regiões do nosso país, especialmente naquelas em que se vive principalmente da exploração do solo.

(Continua na 2.ª página)



Em Brasília: Ao Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, que desbravou o Sertão e ergueu BRASÍLIA com audácia, energia e confiança, a Homenagem dos pioneiros que o ajudaram na grande aventura.

Da direita para a esquerda: Virgílio Morais (TAP), P. Severino Fernandes, D. Isaura Pinto Bastos, P. Constantino Macedo e Presidente da Câmara de Barcelos

## BRASÍLIA Juscelino Kubitschek de Oliveira e PORTUGAL

Como fosse ontem, vivo ainda agora a consoladora sensação de ter descolado do aeroporto de Santos Dumond num «Super Constellation», que deixou num rápido para além da Baía de Guanabara a grande cidade do Rio de Janeiro. A esperança de ver Brasília, a nova capital do Brasil, estava a ser acalentada desde o primeiro dia da nossa grande viagem. Quando chegamos a Belo Horizonte, depois de assistirmos a uma romagem a Nossa Senhora de Nazaré que de propósito veio de Belém do Pará para impetrar o termo de uma seca visto não chover gota de água há mais de cinco meses (todo o inverno sem chover!) nessa região, tive oportunidade de ler e gravar: «Se mais nada tivesse realizado, Brasília bastaria para imortalizar Juscelino Kubitschek. O mineiro de Diamantina, da terra árida do garimpo, quis superar seus maiores, chefiando uma nova bandeira. Conseguiu-o com Brasília, incorporando ao território nacional seis e meio milhões de quilómetros quadrados, antes inteiramente abandonados. Brasília, meta das metas, é a síntese de um governo de cinco anos, plena de realizações».

Retomamos voo por sobre florestas tropicais perdidas na vastidão de um Brasil imenso. Em dada altura sur-

ge-nos a nova capital, apertamos os cintos e aterramos na mesma pista onde poucos dias antes um jacto *caravelle* em que viajava o governador do Rio Grande do Sul, cunhano do Presidente Goulart, se havia desmantelado, pelo choque o pelo fogo. Felizmente não houvera perda de vidas e o «esqueleto» desse avião arrumado a um canto da pista foi para mim um grande símbolo de arrojo em desbravar a floresta como os nossos navegantes sulcando os oceanos cheios de perigos. Um luxuoso autocarro leva-nos até à cidade enquanto o guia nos dava referências concretas sobre o «Plano Piloto» da construção de Brasília de Lúcio Costa.

É impossível dizer o que é Brasília. Valia, por si só, uma viagem ao Brasil pela audácia que traduz no sertão duma cidade moderna ideal. É, uma cidade sem cruzamentos de espécie alguma. Um sistema de pontes, dezenas de pontes, elimina totalmente os sinais convencionais do trânsito, dominando Brasília de lés-a-lés a Grande Plataforma do Eixo Rodoviário.

Como Brasília não tem mar foi necessário dotá-la de um lago artificial por meio de barragens apro-

(Continua na 4.ª página)

### Na Assembleia Nacional

## A gravíssima situação

### EM QUE SE ENCONTRA a agricultura minhota

O sr. deputado António Maria Santos da Cunha, depois de lembrar que, no ano passado, chamou a atenção do Governo para a necessidade de salvar de uma falência absoluta — já tecnicamente verificada — a lavoura minhota, perguntou:

— Na verdade que providências estão tomadas ou se pensa tomar ou se enunciam que possam a sério ir de encontro a esta gravíssima situação que em pouco se tornará irremediável? Não quero, por forma alguma, longe de mim esse intuito, subestimar as medidas de ordem jurídica que, entendo, muito bem foram promulgadas no ano passado. A minha posição perante as mesmas ficou, julgo eu, claramente definida: apoio total. Continuo a acreditar nos efeitos benéficos duma mudança na estrutura da propriedade agrícola.

— Mas a lavoura, a situação dramática que se vive nos campos, não admite delongas, não pode esperar pelos resul-

tos que essas medidas nos não-de trazer e que de resto seriam verdadeiramente insuficientes se desacompanhadas de outras. Sabemos além do mais, que a disposição dos órgãos competentes não estão postos, nem por certo o poderão estar, os meios necessários para uma acção de larga envergadura que pudesse, na verdade, reflectir-se benéficamente no panorama geral.

Mais adiante, afirmou que «a lavoura precisa de crédito, mas crédito barato. Não pode a lavoura suportar o juro de 4 e meio por cento que generosamente lhe é anunciado».

Proseguindo, disse: — A crise fundamental da lavoura está no baixo preço por que são pagos ao campo, pela cidade, os produtos que o mesmo produz. Fora disto estamos no campo da poesia, poesia lúgubre, lúgubre porque cheia a finados. As redes de distribuição dos mesmos são onerosas».

(Continua na 4.ª página)



Portugal está presente em Brasília na Capela de Nossa Senhora de Fátima mandada construir pela esposa do Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira

# DESPORTOS Por ATÃES

## O "Vilaverdense Futebol Club,"

Tive conhecimento tento por escrito como pessoalmente, a quando da minha visita à Terra Natal, de que o *Campo de Jogos* do nosso glorioso Vilaverdense estava a sofrer grandes modificações de relevo.

Vieram-se assim confirmar os ideais de muitos vilaverdenses, há muito propalados, e que muita gente rejeitava "in limine..."

Mas graças ao esforço dos Directores que presentemente labutam pelo prestígio do futebol local, tudo se conseguiu. A par de muitos bairristas, eu era do número dos que afirmavam, positivamente, ser uma realidade este avanço no campo desportivo, sobretudo depois duma rápida mas significativa conversa que comigo teve um Director no Jardim Público, — que diga-se de passagem, — está belamente ornamentado e faustoso, graças ao ilustre Veriador da Câmara Municipal, Senhor Mário Bacelar.

A vida não teria significado algum se não tivesse um ideal elevado e iluminá-la; seria um caminho horrendamente fastidioso e que poucos percorreriam se a fim se não encontrasse uma meta ideal, uma meta triunfo.

Mas para atingir esse ideal, há vários caminhos a seguir: uns mais cómodos, outros quase intransitáveis, de freguesias dolorosas.

Os Directores do Vilaverdense resolveram trabalhar, engrandecer o prestígio do nosso futebol, e por isso não olharam aos obstáculos, aos sacrifícios que poderiam advir.

E com entusiasmo e teima fazem nascer, com a restauração do campo de jogos, uma nova época desportiva, não como um raio lançando um clarão que chega e desaparece, mas sim mimoso brilho, plácida luz em que os olhos descansam gostosos.

E assim dão ao povo vilaverdense mais um grande melhoramento desportivo, em que podem cantar com orgulho as grandezas e as esperanças e com amargura lamentar as crises.

O povo é povo e quer verdade: o povo há-de aplaudir, porque entende (é preciso entender para apreciar e gostar).

Só temos que os louvar por tão grande iniciativa, não esquecendo o auxílio material e moral que a nossa Câmara Municipal também contribuiu para tão grande melhoramento local.

E nesta época em que muitos procuram com sofreguidão encontrar se alegrias, os entusiasmos, esgotando os cálices da volúpia material, é realmente consolador ver ainda rapazes assumir uma atitude nobre, verberando não por palavras, mas por actos, por obras, os que esquecem tudo isto, os que imaginam que a vida fenece ao nascer.

E não é por capricho, nem por vaidade, que os Directores do Vilaverdense Futebol Club, sacrificam a sua própria vida ao prestígio e glória do futebol vilaverdense.

E' realmente, amor à Terra. E' ser bairrista.

Parabéns, pois.

Vila Real, 10 de Janeiro de 1963.  
Artur Barbosa Gomes

## Vilaverdense Futebol Clube

Vila Verde, 15 de Janeiro de 1963

Ex.mo Sr. Director do jornal "O Vilaverdense." — Prado

Com os meus respeitosos cumprimentos, pedia a V. Ex.º a favor de publicar a seguinte notícia desportiva:

## Parabéns! Directores do Vilaverdense Futebol Clube

É com grande satisfação, que comunico a todos os associados e simpatizantes, desta modesta mas progressiva colectividade, que acaba de ser oficiado por viles competentes um grande subsídio para a importante obra do já famoso parque de jogos.

E' realmente de louvar o sacrificio dos incansáveis directores que tomaram à sua responsabilidade pessoal esta obra de tão grande envergadura, para o desporto e para o concelho.

O primeiro subsídio foi de 54 contos concedido pelo Ministério das Obras Públicas, a seguir mais um reforço de 6 contos pelo mesmo Ministério.

A Câmara Municipal como sempre, para obras com benefícios para a terra, também contribuiu com o elevado subsídio de 40 contos, a ser pago em 4 anos à razão de 10 contos.

E agora finalmente os brlosos e incansáveis directores, viram os seus esforços coroados de êxito, com um subsídio por intermédio da A. F. B. do "Totobola." de 22 contos.

Tudo isto se deve, bons Vilaverdenses à boa vontade e persistência da actual Direcção.

Bravo rapazes, se assim o querem chamar para a frente é que é o caminho.

Agora só falta que uma comissão de rapazes novos, amigos do Clube, se disponha a fazer uma subscrição pública, a favor da despesa que a colectividade vai fazer no próximo Campeonato.

Avante pelo desporto Vilaverdense.

Um apaixonado pelo desporto



## Da Direcção do Grupo Desportivo de Prado

Em virtude dos resultados que a nossa equipe de futebol vem fazendo, no decurso do campeonato, julga a direcção oportuno dirigir-se aos Srs. sócios e amigos do Desportivo para os fins que seguem:

1.º — Procuramos, sem olhar a esforços, conseguir equipe capaz de aguentar a dura prova que endamos a disputar, aproveitando os atletas disponíveis das áreas circunvizinhas;

2.º — Todos reconhecemos que é impossível haver treinos durante a semana, não só pelo motivo financeiro, mas principalmente por não se conseguir das entidades patronais, da maioria dos atletas, a necessária autorização para esse fim. Reside aqui a principal razão dos insucessos que vimos sofrendo, uma vez que o mesmo não sucede com os nossos antagonistas, de uma maneira especial os mais cotados;

3.º — Confiamos plenamente no brio e reconhecida honestidade do responsável, João Sardinha, com o qual vivemos intensamente os desejos sofridos, sucedendo o mesmo com todos os estimados atletas que generosamente emprestam à camisola o melhor do seu saber e espirito de sacrificio, já que a compensação todos nós conhecemos;

4.º — Convencidos que servimos e continuaremos a servir a causa do nosso tão querido Desportivo, sem olhar a trabalhos e cansaças, resta-nos apelar para a boa compreensão dos Srs. sócios e amigos, no sentido de cumprirmos o seu dever, lembrando-lhes que alguma esperança poderá viver ainda no coração de todos nós. Mas se o insucesso surgir, saibamos aceitá-lo desportivamente e haverá que continuar, seja na divisão ou categoria que for, para bem do DESPORTIVO, DE PRADO E DO DESPORTO.

A Direcção.

## Futebol

### Últimos resultados verificados

EM PRADO

Em 23 - 12 - 1962

Prado 1 — Vizela 2

Bom tempo e assistência razoável. A nossa equipe bateu-se bem e obteve o actual guia a um esforço aturado para conseguir vitória tangencial.

Ao intervalo verifica-se o resultado de 1-0 a favor do Vizela.

Em 30 - 12 - 1962

Prado 1 — Gil Vicente 6

Jogo disputado num autêntico lamaçal, sem marcação de campo e com chuva torrencial. A preparação física do representante da cidade de Barcelos ditou com relativa facilidade o vencedor.

Os nossos atletas não aguentaram o terrível esforço motivado pelo estado do terreno e quatro acabaram por abandonar o campo, muito antes do final, por não aguentarem a frigidíssima chuva. Benho no tempo, no resultado e nas bilheteiras.

## O CANCRO DA EMIGRAÇÃO

Continuação da 1.ª página

Durante mais de um quarto de século, vivi na Vila de Prado, no convívio da gente humilde, espectador da vida de penúria da maior parte do povo da vasta região vilaverdense. No número 92, de 25 de Outubro de 1959, deste quinzenário publiquei um artigo sob o título «A Rosa e o Verme», esmaltado de certo lirismo que, no caso, não era mais do que «o manio diáfano de fantasia sobre a nudez forte da verdade», dessa verdade cruel que se nos apresenta em toda a espécie de necessidades de que padece o povo minhoto, sobretudo o vasto sector dos glerianos da enxada. Ora, como de médico e de louco todos temos um pouco, vou fazer um estudo consciencioso da doença de que enfermam as nossas regiões mais pobres e indicar a terapêutica que se me mostrar mais adequada.

No supracitado artigo «A Rosa e o Verme», em que eu comparava o Minho a uma rosa de desigual beleza e o pauperismo que flagela as populações dessa provincia a uma legêta repelente que conspurca a mesma flor, já eu dizia que, para se conseguir a elevação do nível de vida do povo minhoto, era preciso criar novas actividades, mormente no quadro industrial, e também melhorar muitas já existentes mas que, mantendo processos anacrónicos de produção, não podiam, assim resultar. E apelava não somente para o Estado como também os homens de dinheiro e para os mentores da opinião pública,

Em 6 - 1 - 1963  
Nas Caldas das Taipas  
Taipas 3 — Prado 1

Mais chuva e lama. O Prado foi o 1.º a marcar por intermédio de Quim Sardinha. Poucos minutos volvidos poderia, com um pouco de sorte, o mesmo jogador fazer o 2-0. Ao intervalo 1-1.

A meio da 2.ª parte o antagonista fez 2-1, com um golo de muito longe, embora com grandes culpas para o guarda-oliveira. Insistiu o Prado, mas sem resultado. Mesmo no final marcou o Taipas] o 3.º golo, no momento em que se procurava afincadamente o empate, uuma fugida rápida dos seus dianteiros] que não encontraram a nossa defesa por esta se encontrar também integrada no ataque.

O Desportista ficou um pouco desapontado com o último número de o "Vilaverdense.", pelo facto de não haver uma única notícia relacionada com o nosso DESPORTIVO, visto ter consultado a Direcção e obter informação de que, em tempo, havia sido enviado à redacção um comunicado e um resumo dos jogos efectuados: Prado-Vizela; Prado-Gil Vicente e Taipas-Prado, que ensinavam outras tantas derrotas. Possivelmente não se verificou a publicação devido à falta de espaço, mas ficou convido que tudo sairá neste número.

Agora vamos a uma alegriazinha para os nossos queridos amigos ausentes, embora materialmente só conheçamos "dois..."

Em 13-1-1963

### Jogo em Esposende

Esposende, 2 — Desportivo de Prado, 3

Ao intervalo 3-0. Golos marcados por Picas, Quim e Zé Carlos. O Esposende marcou a 20 minutos da 2.ª parte e 15 minutos depois surgiu o 2º de grande penalidade a castigar uma carga de Baixo, que aos pareceu legal. Enfim, ganhamos. E há quanto tempo não sabíamos o que era a vitória; nada menos de 9 semanas!! Foi uma festa em Prado. Nem a chuva conseguiu afastar do cruzamento uma ruidosa falange que, com a bandeira em punho, obrigaram a camioneta a seguir a passo até ao Largo da Ponte, onde a multidão aclamou os briosos atletas, que hoje estão mais ou menos senhores do seu real valor e das suas possibilidades. Victória certa da melhor equipe, frente à aguerrida turma da encantadora Vila de Esposende. Mas não párou por aqui...

No dia 20  
(Dia da grande feira dos "20.")

Desportivo de Prado, 5  
Arcos de Valdevez, 1

Tempo razoável. Ao intervalo verifica-se o resultado desafogado de 4-0. Jogou-se bem e com certa descontração. Os golos surgiram naturalmente, embora todos de bom efeito. Foram autores: Zé Carlos 2, Quim Sardinha 2 e João 1. O dos Arcos foi obtido de grande penalidade. Aqui está mais uma prova do valor indiscutível da equipe. Temos bons jogadores e com possibilidades de fugirem da situação crítica em que, por ironia do destino, caímos. Faltam 7 jogos para findar esta grande prova que, como sabemos, teve o seu início em 14 de Outubro último. A classificação actual é a seguinte: Vizela 25, Gil Vicente 24, Famacão 23; Fafe 20, Monção 16, Fao e Esposende 14, Taipas 11, Arcos 9, Límianos 9, Leões 8 e Prado 8. O próximo jogo é em Ponte de Lima e seguidamente recebemos o Fafe. Tenhamos confiança. Até ao lavar dos cestos é sempre vindima...

Ora viva o senhor Meira!... como tem passado.

— Muito bem, senhor Coelho. — Estranho muito a presença do senhor Meira por aqui!

— Ora essa senhor Coelho, essa é boa, ando a dar a voltinha do costume, e já agora aproveito a ocasião de dar uma vistinha de olhos à Deolinda, que não deve estar por muito longe.

— Ora, ora senhor Meira, mude de ideia, pois dessa idade, deve pensar rezar.

— Olhe senhor Coelho, gostei sempre dela, porque é muito videira e sobretudo é muito carinhosa para a mãe, e um dia eu terei a mesma sorte.

— Não pense nisso; estamos velhos e devemos pensar no nosso fim.

— Lá isso é verdade, mas o senhor Coelho, não olhou à idade e casou segunda vez?

— Sim, sim, cesei, mas que cruz tenho passado.

— Senhor Meira, não queira saber da minha vida; olhe que passo o meu tempo calcorreando os caminhos e o monte de Atães com as ovelhas.

Senhor Meira, Senhor Meira, que caminhos nós temos. Não queira saber. Eu que gosto tanto de ir à missa ao domingo, quantas vezes me vejo obrigado a ficar em casa, porque os caminhos agora no inverno, são uma miséria.

Na Portela, sim, pode ir um automóvel a todas as casas, se preciso for.

— Lá isso é verdade, senhor Coelho, posso correr a Portela com os olhos fechados sem temer as pedras. Quer saber mais, disto não sabia eu, estive aqui há pouco tempo com o senhor JOÃO PRU e ele me disse que vai vir uma luz nova que não gasta gás, — então é que vai ser.

— Olhe senhor Meira, sabe

que mais, na nossa freguesia, que também é sua, não há Junta, porque se a houvesse, faziam como as Juntas das outras freguesias, olhando pelo que mais falta faz. A nossa só se interessa da vida deles e mais nada.

Se descessem a Atães, veriam se quando voltassem à Portela, levavam os sapatos limpos. E a razão é simples, porque os sujavam logo à saída da Portela, numa ribada caída à mais de um ano. Mas porque esta, está a fazer mal aos de Atães, e porque perforce à família de um dos membros da Junta, já se não faz caso, além disso, porque o senhor Brasoto é um dos grandes da Portela.

Já que falo em ribadas, quantas e quantas se encontram estendidas pelos caminhos a agravar mais o mal de que padecemos.

Já não falo da areia, patela, esteios e outras pedras, que deitam nas margens dos caminhos e sobretudo junto ao nosso Cruzeiro.

Quantas vezes o nosso senhor Abade tem falado do despejo que se faz no Cruzeiro.

Agora senhor Meira, fale-me com franqueza, podia ou não podia a Junta tomar providências de tudo isto? — mas não, ficasse na Portela a interessar-se de tudo, menos naquilo que lhe diz respeito.

— Olhe senhor Coelho, já basta de trefa, mas os de Atães têm toda a razão.

Deixe lá que para as próximas eleições, eu vou propor-me para presidente da Junta, e se não fizer mais, pelo menos faço tanto como eles.

— Adeus senhor Coelho, tudo isto são desabafos. Vou ver se vejo a dita cuja.

— Adeus senhor Meira, veja lá se arranja a candidatura a presidente da Junta, que o meu voto está certo. Um Assinante

Aprecia Café?  
Tome Café na PRINCESINHA  
compre o delicioso  
**Café Princesinha**  
Tel. 92110 VILA DE PRADO

A COMERCIAL DE PRADO  
— DE —  
**Fernando Duarte Pedroso**  
Agente da Companhia de Seguros «Tranquilidade»  
Azeites, mercearia, Vinhos, Refrigirantes, Ferragens, adubos e Metais de Construção  
Revendedor de BUTAGAZ e produtos SHEL.  
Vila Verde TELEPHONE, 92115 PRADO

Fábrica de Bordados Regionais  
DE  
**Maria Helena Dantas**  
Variedade de Linhos: — Toalhas de Mesa em todas as medidas.  
Jogos à americana: — Tabuleiros, sacas, guardanapos, etc.  
Ainda um grande sortido em puchados e em perlé, e bordados regionais  
LUGAR DA PONTE — Prado Telef. 92147 BRAGA

**Casa Claro**  
— DE —  
**Paulo de Sousa Claro**  
Fábrica e depósito de velas de cêra e artigos de apicultura  
Rua D. Diogo de Sousa, 100 TELEPHONE, 22305 BRAGA  
O melhor café e o  
**A Brasileira**  
Mário Joaquim de Quelros & C.ª  
TELEPHONE, 22013 BRAGA

Continua na quarta página

# CORRESPONDÊNCIAS

## Pico de Regalados

Encontra-se doente, há tempos, o nosso estimado assinante, Sr. Alvaro Pereira Reis, um dos bons homens desta vila de Pico de Regalados que é considerado por toda a gente que com ele convive, pois as belas qualidades de que é dotado tornam esse nosso bom amigo credor da veneração de todos. E' há vários anos tócio da Casa Bernardino José Ferreira onde se impôs pela sua lealdade e seriedade, pois toda a gente pode confiar nas suas palavras de homem honrado incapaz de engener o mais modesto cliente que entrasse na Casa Bernardino José Ferreira. Juntamos os nossos votos aos dos seus numerosos filhos e toda a família Ferreira no sentido de pedir ao Senhor as suas melhoras.

## Sande

Realizou-se com todo o brilho o grandioso cortejo de oferendas, no dia 26 de Dezembro, para várias obras paroquiais. Os habitantes desta freguesia mais uma vez manifestaram o seu brío e generosidade, pois deve render perto de dez mil escudos.

E' mais uma página de ouro a juntar a tantas que já são uma consoladora realidade nesta terra abençoada de Sande.

Várias pessoas de fora desta freguesia que têm aqui algumas terras também concorreram com generosidade para o nosso cortejo. Entre essas mencionamos o Sr. José da Silva, da vizinha freguesia de São Vicente da Ponte, que concorreu com o melhor carro de madeira.

A esse nosso ardentes votos de muitas felicidades e as bênçãos do Menino Jesus deseja o organizador destes línhas.

**Consoada dos pobres**—Por ocasião do Natal foram distribuídas consoadas aos pobres desta freguesia por uma pessoa que muito os ama e vive para eles. Também cá chegaram algumas oferecidas pelo Senhor Governador Civil do Distrito de Braga.

Que o Menino Jesus abençoe o ilustre representante de nosso Governo pelo trabalho a que se dedicou para ajudar os pobrezinhos do distrito que distintamente governa. — C.

## Atães

Realizou-se mais uma vez o Sagrado Lausperene, no dia 27 de Dezembro, com todo o brilho e devoção deste povo crente e piedoso. O pároco da terra, P.º Francisco da Silva Cardoso, pode estar satisfeito, pois verificou que o seu trabalho foi coroado de êxito.

No início do Lausperene verificou-se a assistência de grande número de fiéis que assistiram aos actos do culto com o respeito e veneração. Durante a noite e o dia também houve sempre elevado número de adoradores e nos actos finais notou-se o mesmo entusiasmo e amor a Jesus Sacramentado. O tempo estava muito frio e até as águas das fontes gelavam, mas as almas aquecidas com a graça do Senhor, a tudo resistiram e o povo de Atães e de Barros manifestou mais uma vez o seu amor ao Senhor presente na hóstia consagrada.

Notou-se a grande necessidade que há de acabar de concertar o caminho que vai até ao adro da igreja paroquial. Chamamos para o caso a atenção do Senhor Presidente da Junta da freguesia. Se esse Senhor precisasse de vir como o seu carro à igreja de Atães, seria o primeiro a dar razão a quem lhe pede este benefício.

Como se trata duma pessoa briosa, esperamos dele mais este melhoramento.

— Realizou-se no dia 20 de Janeiro, nesta freguesia, a festa de Santo Amaro que já tem tradições nesta terra e nas freguesias vizinhas. Como o dia se apresentou de chuva, apenas se realizaram as cerimónias no interior da igreja, tendo constado de missa solene, sermão e bênção. Da parte de tarde váriosromeiros cumpriram os votos feitos ao glorioso Santo.

Decorreu todo com ordem, não se notando qualquer falta de respeito pelo pelo lugar sagrado onde se realizou a festa.

Parabéns ao pároco que se esforçou por que tudo corresse bem. Tomou parte na festa o potente alto falante de Vilarinho que agradeceu a todos os devotos — C.

## São Cristóvão

**Assinantes briosos** — Os nossos assinantes Silvestre Pimenta e Luís da Costa Araújo entregaram ao encarregado desta região as importâncias referentes às suas assinaturas. Obrigado pela sua atenção.

**Falecimento** — No lugar de Carves, desta freguesia, faleceu Maria Fortunata da Mota, viúva de António de Sousa e que contava 80 anos de idade. Deixou cinco filhos.

Realizou-se o seu funeral na igreja paroquial desta freguesia com a assistência de dez padres e nele tomou parte grande número de pessoas tanto desta terra como de outras vizinhas. Os nossos votos pelo seu descanso e os nossos pêsames à família. — C.

## Cervães

**Tríduo** — Foram este ano muito concorridas as práticas que duraram 7 dias, 2 das quais pagas pelo Sr. Dr. Aurélio Cunha e Ex.ª Esposa. As comunhões, mais de 500, bom é que produzam bom resultado para quem as recebeu.

**Mordomos da Cruz** — Para servir na festa da Páscoa, foram nomeados mordomos, os Srs. José Caetano e David Pereira.

**D. Ascensão Bacelar** — Pelo falecimento desta minha irmã, cumpre-me agradecer a todos os Srs. Padres e leigos as atenções e amabilidades que tiveram comigo na ocasião do seu funeral e peço orações por sua alma.

**Aniversário ou Jubileu das Almas** — Foi este ano convidado o digníssimo abade de Cabanelas, Sr. P.º Joaquim Alves, a fazer o sermão das Almas, no seu Jubileu, tendo sua Rev.ª agradado muito pelo modo como convidou os piedosos ouvintes a lembrar as benditas almas nas suas orações.

Não seria muito oportuno haver todos os anos do Império Português um sermão a sufrágios-las a ver se os vivos se lembravam melhor dessa devoção destinada a aliviá-las e a conduzi-las ao Céu? Ou no dia do aniversário ou no dia da visita aos Cemitérios, ou no dia do Lausperene anual ou do tríduo, ou alguma missão, eu gostaria muito que houvesse uma prática ou sermão no Cemitério, perto do meio dia, para melhor poder ir mulheres, crianças e doentes pois que pela manhã e à noite nem todos podem ir também.

Uma pergunta ao Sr. P.º Aloísio:

Tendo recebido há tempos uma carta do ilustre Reitor do Sameiro a prometer-me interessar-se pela continuação da procissão do terço como no tempo do P.º Martinho, rezado ou cantado, entoando hinos de louvor à nobre Padroeira de Portugal, que subiu há muitos anos de Braga ao Sameiro, como desceu neste século do Céu à Fátima, queria perguntar deste lugar ao meu bom amigo Sr. P.º Aloísio se há esperança da reza oficial do terço, tão necessária em todas as casas, e que é pena não ser ouvida também naquelas onde se não reza.

Como V. Rev.ª sabe, seria útil arranjar uma comissão que acompanhasse a procissão, pedindo esmolas para as obras do Sameiro, a quem acompanha e a quem das janelas, andares e portas estavam a ver a procissão. — *Candido Bacelar.*

## Travassós

**Sagrado Lausperene** — Realizou-se nesta freguesia, no passado dia 4 deste mês, com muita assistência de fiéis, em que quase a totalidade deste bom povo, se abeirou da Sagrada mesa da Comunhão, o Sagrado Lausperene.

As Santas Missas, vespertina e a de encerramento, foram cantadas pelo nosso Rev. Pároco, acompanhando no canto as nossas cantoras e ao órgão o Rev. Pároco de S. Paio do Pico.

Foi orador Sagrado dos dois eloquentes sermões, o Rev. P.º José Luis Domingues Ferreira.

Oxalá que Nosso Senhor Sacramentado lá do Seu Trono de Amor, volte um olhar de misericórdia para este pobre mundo tão conturbado e revólto pelas ideias satânicas do comunismo ateu.

**Telefone em Revenda** — Inaugurou-se nesta freguesia, no estabelecimento do conceituado comerciante sr. António Silva, uma cabine telefónica com o n.º 32101, que muito veio beneficiar esta região, pois em poucos momentos, nos podemos comunicar com todo o País.

Bem haja, pois, o sr. Silva por tão grande melhoramento. — C.

## Sabariz

Entrou o novo ano e com ele chegou a ocasião de desejar que este mesmo seja portador das maiores prosperidades para todos os conterrâneos desta risonha freguesia.

— Foi baptizado no passado domingo, dia 20 do corrente mês, um filhinho do Sr. António da Mota e Sousa e de sua esposa D. Delfina Azevedo, a quem foi dado o nome de João Alberto.

Foram padrinhos o Sr. João Soares Carneiro e a menina Rosa da Conceição Pereira.

— Vieram passar as festas do Natal a esta freguesia, junto dos seus familiares, os Srs. Augusto da Silva Barbosa e Luis Gonçalves — C.

**Suinos Largewhite** Raça pura, dispõe para entrega imediata Francisco Vieira — Prado (Santa Maria) — Braga.

## A' Margem do Homem

S. Miguel de Oriz

Encontra-se entre nós, vindo da França, para onde há pouco foi tentar novos rumos à sua vida, o Sr. José Joaquim Gonçalves Nogueira, do lugar de Portela.

— No passado dia 17, com apenas 2 meses de idade, vouu para junto de sua madrinha, N.ª S.ª de Fátima, a inocente Maria de Fátima, filha de António Gonçalves e de Maria da Silva Solha, do lugar da Pedreira. — C.

S. Pedro de Valbom

No passado dia 3 de Janeiro, com o nome de Maria Alice, foi aqui baptizada uma filhinha de António Fernandes e de Piedade de Jesus Martins de Almeida, do lugar da Agrela. Foram padrinhos os tios maternos Avelino de Almeida e Albina de Sousa Melo, de Santa Marinha de Oriz.

— No dia 13, com o nome de Pedro, foi o baptismo de um menino, filho de António José de Carvalho e de Maria Clara da Costa, do lugar da Igreja. Foram padrinhos Francisco Dias da Fonseca e Maria de Fátima da Costa Carvalho. — C.

## Paçô

Comó nos anos anteriores, mais uma vez na quadra natalícia o Sr. Luiz Alfredo Pereira, natural desta freguesia e residente nos Estados Unidos da América, contemplou os pobres desta localidade, com subsídios para melhoria das suas consoadas. Bem haja — C.

## Soutelo

**Novena** — Terminou a novena a S. Sebastião na Igreja paroquial desta freguesia. Foi bastante concorrida, possivelmente por ser S. Sebastião o advogado dos três terríveis flagelos que atormentam a pobre humanidade, presentemente tão conturbada e ameaçada de num dado momento ser reduzida a torresmos.

**Chuva e vento** — Embora o dia de hoje se apresente de sol entre núbens, os dias passados e esta noite estiveram de mau cariz com fortes chuvadas empurradas por forte e fria ventania. Mas os campos e as hortas já estão verdejantes, as águas já alimentam os poços que por toda a parte ameaçavam secar.

Estão satisfeitos os desejados benefícios dos trabalhadores da terra que viam os seus campos mirrados pela estiagem, pelo frio e na iminência de venderem os seus animais ao desbarato por falta de pastagens e de erva para o penso.

Agora, comó o mundo ralha de tudo e de todos, temos os insatisfeitos, os que se não conformam com a vontade de Deus, alegando que se atrazam os trabalhos, que está mau tempo para quem precisa de ganhar para o sustento, etc.

Confiança em Deus e tudo será remediado. — C.

## Portela do Vade

Faleceu no Hospital de S.ta Maria, em Lisboa, onde estava internado há meses, Manuel Pimenta de Sousa, natural do lugar de Cirão, desta paróquia da Portela do Vade, o qual tinha uma pastelaria em Lisboa, onde vivia já há bastantes anos. Várias vezes era contratado para fazer parte da tripulação de vários vapores de transportes de passageiros. Foi um dos prisionados do vapor «Santa Maria» pelo pirata Galvão no mar das Caraíbas.

O seu cadáver foi trasladado por uma agência funerária de Lisboa no passado dia 13, chegando aqui à Portela já à noite, sendo recolhido na nossa igreja, e no dia seguinte de manhã foi trasladado para o cemitério da freguesia de Aboim, onde ficou sepultado. Assim o desejou a sua esposa por ser de Aboim — C.

## Casamento elegante

No dia 20 de Janeiro, no Santuário de Nossa Senhora do Sameiro, realizou-se o casamento da menina Beatriz Faria dos Santos, de Vila Verde, com o Sr. Armindo Alberto Ferreira, funcionário dos C. T. T., em Camabateia, Angola. Assitiu o Rev. Pároco de Vila Verde.

## Parada de Gatim

Realizou-se no dia 25 de Dezembro p. p. a festa em honra do Menino Jesus. O programa foi elaborado pelos anos anteriores. Foram festeiros Luis G. da Cunha e José Ribeiro Barbosa.

— Começou no dia 11 do corrente mês a novena em honra de S. Sebastião, que tem sido bastante frequentada.

— Também se realizou o Sagrado Lausperene, que foi precedido de confesso.

— Pela Rádio Club Português ouvimos, no dia de ano novo a Mensagem do soldado Aníbal da Silva Fernandes, nosso emigo e conterrâneo.

— Vindo das terras de França, chegou a esta freguesia o sr. Amaro de Araújo e a sr.ª Sofia Braga de Oliveira.

— Segundo os Estatutos, desta freguesia foram nomeados mordomos da Caldeira e da Cruz os srs. Avelino Ribeiro da Cruz e João de Sousa Barros.

— Encontra-se em lamentável estado a fonte que serve o Lugar de Souto Novo; parece-me que as autoridades locais já tomaram providências sobre o caso, mas a obra ainda não começou.

— Realizou-se na igreja paroquial desta freguesia o baptizado de mais um filho do sr. José da Silva Coelho e de Adélia Alunso.

— Realiza-se no dia 3 de Fevereiro a festa em honra de S. Brás, cujo programa se está a elaborar. São festeiros Fernando de Sousa Santos e Fernando da Silva Dantas. — C.

## Cabanelas

— Completou 85 anos de idade, a senhora Albina Fernandes do Penedo, mãe do nosso assinante senhor Manuel Penedo. Desejamos-lhe muita saúde e felicidades.

— A equipa do S. C. Cabanelas continua a alcançar bons resultados; assim, no desafio realizado com a equipa do Campo da Vinha, de Braga, venceu por 4-0.

— No limiar do ano de 1963, não podemos esquecer os nossos leitores, assinantes e muito em especial os nossos rapazes que, em defesa da Pátria, se encontram no Ultramar, os nossos votos dum Feliz Ano Novo.

— No próximo dia 28, dará entrada no R. I. 8 em Braga, o nosso amigo e conterrâneo, Leonardo da Santa Menezes. Desejamos-lhe as maiores felicidades e fazemos votos para que seja um militar brioso como muitos conterrâneos seus que se encontram no Ultramar.

— Com a frequência de muitos alunos, está a decorrer na nossa terra o Curso de Aprendizagem Agrícola, superiormente dirigido pelo ilustre professor, Manuel Martins da Costa. Este curso tem por fim aumentar os conhecimentos dos rapazes do meio rural, preparando-os para uma agricultura perfeita. O agricultor luta com certas dificuldades, devendo-se em parte essas dificuldades à falta de conhecimentos de matéria agrícola. Mas o Governo da Nação, sempre atento a todos os problemas do país, em boa hora criou este curso, pois ele servirá para elevar o nível da lavoura, pois é o que todos ambicionamos. Confianças no futuro, a hora da Lavoura chegará. — C.

## Falta de espaço

Lamentamos não poder publicar, neste número, uma local do nosso ilustre colaborador Rev. Padre Manuel Gonçalves Diogo: Os salões paroquiais e a reforma dos meios rurais...

## RIO MAU

de ida e volta

## Época do Azeite

por Correia de Queirós

Antes de mais, quero deixar aqui expressos os meus mais sinceros desejos de um Bom Ano de 1963 a todos os meus habituais leitores, aos quais acrescento os votos para que todos os vossos sonhos se tornem em realidades palpáveis neste Ano, que seja cheio de bênçãos do Céu.

Com a entrada do mês de Janeiro entra-se na época mais aconselhada para apanha da azeitona. Os legões de azeitona entram agora, se já não entraram, em pleno funcionamento. E começa a aparecer o precioso e necessário líquido que é o azeite.

Nós, os da cidade, que por cá vivemos, cheios de tudo e até com coisas que já aborrecem, com uma vida quase automática e totalmente mecanizada — o que faz com que muitos se esqueçam das suas obrigações espirituais e enveredam pelos caminhos da indiferença absoluta, infelizmente, em numerosos casos nós os da cidade, dizia, quando utilizamos o azeite na alimentação, raramente nos lembramos das voltas e mais voltas que ele deu até chegar às nossas mãos. E, muitas vezes, regateamos o seu preço.

Mas eu, que embora nenhuma vez assistisse à fabricação do azeite sei muito bem como ela se faz, nunca posso vester algumas gotas de azeite sem que o meu pensamento logo se afaste até aos dias em que esse azeite era apenas azeitonas, e ao dia em que a oliveira em que as deu era apenas uma azeitona, por germinar! E como o azeite que utilizo vem de Rio Mau, logo tenho no meu espírito por associação, essa linda aldeia do Minho, para mim, Rainha (desculpem a parcialidade... sim?).

E medito então na grandiosa obra de Deus. Da azeitona a uma árvore que tentos milhares dá, que por sua vez nos oferecem o seu suco, nos lagares, que nas Igrejas alimenta a chama que marca a presença de Deus no Sacrário. Árvores abençoadas!

Mas deixemo-nos de devaneios. Nesta época do azeite, já antevejo, aqui, no meu gabinete de trabalho, os grandes lavradores de Rio Mau — quiçá, a D. Marquinhos Torres e a sobrinha, D. Laurinha; a D. Lourdinhas, esposa do falecido conde de Ribadel, o grande amigo senhor Sá; a Quinta da Veiga e a Quinta de Aldeia, já da freguesia de Goães, todos, todos, numa azáfama constante, nos campos e nos lagares.

E, para finalizar, faço votos para que essa azáfama seja recompensada com azeite em quantidade, pois que a qualidade... essa nem se fala. E' sempre óptima!

Assinal "O Vilaeverdense,"

## Sala de Chá

Todas as qualidades de doce

Esmerado serviço de casamento e Festas de todas as espécies

## DOÇARIA LUSITANA

Rua Francisco Sanches, 119-127 Tel. 23300

e Jardim de S.ta Bárbara

BRAGA

## Pastelaria BAR VILAVERDENSE

Fabrico esmerado de doce de todas as qualidades Serviço de Casamentos, Baptizados e Homenagens Vinhos de mesa, finos e espumantes, refrigerantes a preços excepcionais — Café especial

Em Vila Verde, não deixe de visitar a PASTELARIA

## CASA DE PASTO CHAVE D'OURO

JUNTO AO TRIBUNAL

DE — José Torres da Cunha & Irmão

ALMOÇOS | JANTARES | DORMIDAS | BONS VINHOS | PETISCOS

Praça Conselheiro Torres e Almeida, 5 e 6

BRAGA

Preço anual de Assinatura	
Continente	30\$00
Ultramar e Brasil (via marítima)	60\$00
(via aérea)	140\$00
Outras nações (via marítima)	70\$00
(via aérea)	160\$00

## Notas de Lisboa

### Unidade Nacional

1 — Todos sabemos o que se passou na ONU acerca dos nossos territórios ultramarinos, tão portugueses como qualquer província continental. E' pois necessário referir aqui o que os meios habituais de informação — Imprensa diária, Rádio e Televisão — levaram, pormenorizadamente, ao conhecimento do País. Fazemos, porém, alguns comentários ao ocorrido.

Ninguém ignora que a seguir à primeira grande guerra os Estados signatários do Tratado de Versalhes criaram um organismo chamado Sociedade das Nações cujo fim principal era o de desenvolver a cooperação entre eles e garantir a paz e a segurança mútuas. São também bem conhecidas as dificuldades que o referido organismo teve de enfrentar e as razões que determinaram a sua falência.

Em 1944 foi fundada a O. N. U. (Organização das Nações Unidas) cujo estatuto, ou Carta, entrou em vigor no dia 24 de Outubro de 1945, ou seja, cinco meses após o termo da última guerra mundial.

A O. N. U. substituiu a antiga Sociedade das Nações e os seus fins são, além de outros, os de «manter a paz e a segurança mundial e realizar a cooperação internacional nos domínios económico, social, intelectual e humanitário». Daqui resulta que a O. N. U., tal como sucedia com a extinta Sociedade das Nações, tem por objectivo essencial fazer prevalecer o Direito entre os povos. Uma sociedade civilizada só é possível desde que, acima da força arbitrária exista o primado do Direito. Tudo o que não seja isto, traduz-se em insegurança, em violências, em desolador regresso à horda primitiva.

O fim da O. N. U. é pois o de manter a paz e a solidariedade entre os povos, mediante o respeito pelas normas essenciais do Direito Internacional Público. Não compete por-

tanto à O. N. U. imiscuir-se nos assuntos internos dos povos. Posto assim o problema com toda a sua realidade, ressalta também com gritante clareza aos olhos de todos os observadores imparciais que no caso das províncias ultramarinas portuguesas, designadamente no de Angola, muitos países-membros da O. N. U. estão a infringir a respectiva Carta e a cavar a ruína da própria Organização. Esta procura, segundo a Carta, assegurar a paz e a colaboração mútua entre os povos: mas, de facto, está, através dos referidos membros, a fomentar a desarmonia e a guerra!

2 — Portugal é um País pacífico e fiel cumpridor das normas de Direito Internacional. Quando a União Indiana cometeu o primeiro crime relativamente aos enclaves de Dadrá e Nagar-Aveli, Portugal, sempre dentro dos preceitos jurídicos que regem as relações entre os povos, recorreu ao Tribunal Internacional da Haia, onde os seus direitos foram reconhecidos. A União Indiana, não só não acatou a sentença, como, a seguir, invadiu Goa, Damão e Diu. Pois o primeiro ministro Nehru, principal responsável pela política do seu país, declarou há pouco que tencionava recorrer àquele mesmo Tribunal para que ele se manifeste sobre o litígio sino-indiano!!!

Quer dizer: a União Indiana, ao invadir pacíficos territórios que, devido à distância da Mãe-Pátria, não era possível defender com mais eficiência, entende que está no seu direito e que de nada vale a sentença do Tribunal da Haia; mas quando as suas tropas, em frente dos chineses que estão lá ao lado, fogem a sete pés, já reconhece competência ao mesmo Tribunal! E' difícil encontrar-se tanto descaramento!

Anda agora o referido Nehru em palpos de aranha a mendigar auxílio aos americanos, aos ingleses e até aos russos, mas não pensa na restituição dos nossos territórios — que são portugueses à face do Direito, pela civilização que os caracteriza e pela vontade dos seus habitantes.

Quando as coisas correm assim, não estão bem. Se a O. N. U. esquece os territórios portugueses da Índia para só falar em Angola e em outras províncias ultramarinas, infringe a sua Carta e, em vez de assegurar a paz e a justiça entre os povos, anima a injustiça e fomenta um clima de insegurança e de guerra.

3 — Portugal não esqueceu nem esquecerá os seus territórios da Índia. A prova exuberante de que assim é ficou à vista de todo o Mundo através das impressionantes manifestações do dia 18 que evidenciaram eloquentemente a nossa Unidade Nacional e a intenção de continuarmos a defender o nosso indiscutível Direito. Aliás, nada mais queremos do que defender direitos.

Um povo que reage assim perante os atropelos de que foi vítima não pode ser vencido. A nossa razão há-de ser, mais tarde ou mais cedo, reconhecida por todos os que também não aceitam violências nem arbitrariedades.

Qualquer que seja a actuação da O. N. U., temos esperança de que acima da injustiça e da força bruta, acabará por se manifestar a força recta do Direito.

M. da C.

### Feira de S. Sebastião EM PRADO

Realizou-se, como de costume, a feira dos 20 que registou este ano uma afluência extraordinária de forasteiros.

De manhã houve Festa em honra de S. Sebastião com Missa cantada e sermão pelo Rev. do Padre Abreu Carneiro, do Seminário Conciliar; e de tarde terço e bênção do SS. Sacramento na capela onde o glorioso taumaturgo se venera e a quem o povo dedica particular devoção.

(Continuação da primeira página)

veitando o rio Araguaia... e hoje tem um grande lago, o lago Paraná, concebido por Esraél Pinheiro, que circunda a cidade fazendo-a espelhar nas suas águas cristalinas que servem de recreio e de local de pesca aos cerca de 150.000 habitantes que a nova cidade já conta actualmente.

Todos os edifícios são de uma originalidade sem precedentes. O Palácio da Alvorada, de surpreendente beleza, é a residência do Presidente da República; na Praça dos Três Poderes estão localizados, em revolução, a arquitetura, o Congresso Nacional da Câmara Federal, em dois discos invertidos e a contrastar com duas torres alevantadas ao céu onde se localizam os escritórios dos Deputados, Senadores, etc.

Obedecendo à mesma linha de colunas encontra-se o Palácio do Planalto, de onde o Presidente da República rege os altos destinos da Pátria, e o Supremo Tribunal Federal. Logo a seguir vem a Esplanada dos Ministérios e depois a Catedral de Brasília, feliz inspiração de Niemeyer, expoente máximo de beleza arquitectónica que por toda a parte simboliza, com o Palácio da Alvorada, a presença de Brasília no mundo, especialmente através da propaganda turística.

A própria pintura escultura desta cidade é de uma originalidade que nos faz rir (a nós que somos europeus e temos mentalidade clássica) quando apreciamos, por exemplo, «Os guerreiros» de Bruno Gicrgi, o «Rito dos

### Organização da Lavoura

#### no Concelho de Vila Verde

(Continuação da 1.ª página)

Nas Cooperativas, os vinhos são melhor confeccionados, mais economicamente, em melhores condições técnicas com possibilidades de exportação, com melhores preços, não se estragam. E' só verem que, em alguns anos, se delectam por deficiências milheres de pipas de vinho, com gravíssimos prejuízos para os lavradores. Isso irá acontecer com cereja, neste ano, o que obriga a vender o vinho ao melbarato.

Nas Cooperativas, os vinhos não se estragam, porque têm bons técnicos e condições de envasilhamento.

Também o Grémio da Lavoura de Vila Verde tomou a iniciativa da fundação de uma Mútua Bovina para este Concelho.

No dia 19 do corrente mês, efectuou-se uma grande reunião na sede do Grémio, a que assistiram cerca de 150 lavradores.

Presidiu a Direcção deste organismo corporativo, assistido pelo Sr. Dr. veterinário George Fernandes e pelo Sr. Engenheiro Valdemar Carneiro da Silva, como delegado do Posto Agrário de Braga.

Foi amplamente discutida a fundação da Mútua, sob a orientação do delegado do Posto Agrário de Braga, que prestou preciosos esclarecimentos.

O ambiente foi de franco optimismo na organização agrícola e de estas organizações incipientes vai nascer uma organização total da nossa lavoura, e assim resolvemos os nossos problemas com auxílio do corporativismo e das entidades oficiais.

A Mútua Bovina dará assistência veterinária ao gado bovino dos seus sócios, medicamentos e pagará os prejuízos cobertos por este meio de seguro.

Procurará ainda proteger e orientar todos as iniciativas para valorização da pecuária local, neste Concelho que foi, noutros tempos, um grande exportador de gado para França e Inglaterra.

Todos os lavradores se devem inscrever como sócios. Para isso dirigem-se ao Grémio da lavoura do Concelho de Vila Verde.

Foi formada uma Comissão organizadora composta pelos Senhores:

Dr. Francisco António Gonçalves, presidente do Grémio da Lavoura, Padre Domingos António de Mota Vieira, Francisco Ferraz Machado, João da Silva Pereira Porfírio Gomes da Roche, Arlindo Leite Ferreira, José Joaquim de Oliveira, Marcelino Alamillo Soares de Sousa, António Gonçalves Estrada, Manuel de Amorim Machado, Custódio Joaquim Barbosa e António José Gomes Soares.

As principais organizações da lavoura deste Concelho estão lançadas com plenos benefícios para os lavradores, disso são garantia as pessoas que estão à frente. São chelas de conhecimentos, de entusiasmo e de honestidade.

E' preciso que os lavradores deste Concelho, que sempre souberam corresponder às grandes iniciativas, não descurem a sua inscrição no Grémio da Lavoura ou junto das pessoas indicadas.

O Concelho nacionalista agrícola de Vila Verde, vai com certeza, dar um exemplo ao país de espírito efectivo de organização.

Padre Manuel Gonçalves Diogo

Ritmos, de Maria Martins ou as esculturas de Ceschiatti em harmoniosa combinação com o conjunto do Palácio da Alvorada.

Há um «modernismo» na Brasília que talvez não vá avante. Refiro-me à nomenclatura das ruas em termos científicos, como por exemplo, a Avenida W 73 onde se encontram de um lado as casas residenciais em bairros «a portuguesa» e ela perpendiculares e de outro as casas comerciais. Mas o povo não gosta de complicações matemáticas ou geométricas e por isso a rua que dá para a Capela de Nossa Senhora de Fátima já se chama rua da Igreja.

Já que falamos nesta capela queremos dizer que ela é para nós uma presença de Portugal em Brasília, porque Fátima é de Portugal. D. Sarah Kubitschek, esposa de J. K., mandou-a construir em cumprimento de uma promessa e lá está, com uma caravela a sulcar o oceano, pregando a mensagem de Fátima e a unir as duas Pátrias num abraço Luso-Brasileiro de união e fraternidade.

Ainda há poucos dias esse grande do Brasil, Juscelino, que mais uma vez veio a Portugal e tão delirantemente foi acolhido pelos portugueses, afirmou em Guimarães, berço da terra portuguesa:

«Ontem visitei Belmonte, a terra onde nasceu Álvares Cabral. E' pois com grande júbilo que ao visitar estas duas fontes da nacionalidade, sinto mais de perto os meus olhos voltados

para Portugal e, por isso, aqui estou trazendo a mensagem de setenta milhões de brasileiros Saúdo Portugal. Saúdo a raça lusitana, que trouxe ao mundo novos mundos. Por isso aqui estou a trazer o abraço amigo do Brasil, o abraço de setenta milhões de brasileiros e a dizer a Portugal que comungamos no mesmo ideal da comunidade luso-brasileira. A todo o povo de Portugal, as minhas saudações — as minhas amigas saudações — e a mensagem comovida de setenta milhões de brasileiros que sentem e vivem a alma portuguesa».

Também estive em Fátima e, ao assinar o livro de honra do Santuário nele deixou escritas a seguintes palavras:

«Viemos do Brasil para agradecer a Nossa Senhora de Fátima as graças que nos concedeu. Em Brasília, minha mulher mandou erguer o primeiro templo católico da nova capital em honra de Nossa Senhora de Fátima pelos benefícios que Ela nos concedeu. Com emoção acabo de percorrer este sítio sagrado. Que Nossa Senhora de Fátima nos proteja e proteja o Brasil».

Se mais tempo e espaço tivera mais houvera escrito mas isto basta para me congratular com a visita honrosa de Kubitschek a Portugal numa hora tão oportuna para as duas Pátrias se unirem como velhos e inseparáveis amigos.

P.e Severino

## O Cancro da Emigração

(Continuação da 2.ª página)

E quanto à batata? Toda a gente sabe que temos lido anos em que a batata é lenta que melada de colheita é para deixar apodrecer, e se tem havido ocasiões em que esse tubérculo falta é unicamente porque deixa de haver interesse na sua produção, muitas vezes ruinosa. E o feijão, o precioso feijão — carne vegetal como lhe chamam os alemães — em que o nosso solo é fértil, e que muitas vezes não tem quem o queira, porque o «requilombado peledar português» só se dá com o caldo em comprimidos vindos ou inventados na estremeira? E o nosso magnífico azeite, as nossas óptimas e variadas frutas e hortaliças? Mes temos, ainda, um mar privilegiado que inunda os nossos mercados, desde os aglomerados do litoral às mais distantes terras, não das suas águas, mas sim de espécimens da sua variada fauna, e dispomos de uma legião heróica de pescadores que sabem como nenhuns outros arrancar do seio dos mares brumosos e frios do norte o precioso bacalhau, tão caro aos lares nacionais.

Mas não só Ceres, Pomona e Neptuno nos são favoráveis. Que país se pode gabar da produção de vinhos de tão variados tipos e em tal abundância se livramos em conta a nossa extensão geográfica? E quanto às matas e florestas de Portugal, que incalculável riqueza que nelas há desde os pinhais que nos dão a valiosa resina e a sua madeira de múltiplas aplicações ao sobreiro que nos fornece a cortiça que tanto pesa e o nosso favor na nossa balança comercial!

Também o sub solo nacional está prenhe de valores, desde as águas mi-

### Um banho em... bicicleta

No dia vinte e um, de noite, começou a ouvir-se no lugar da Vila, em Prado, a berrar a plenos pulmões:

— Quem me odeia! Ai meus filhinhos! Estou debaixo da ponte! Ai que eu morro!

Toda a gente acorreu ao local de onde vinha essa voz sinistra no silêncio da noite e então pôde ver que se tratava de um ciclista agarrado aos corta mares da ponte com os pés presos aos patins da bicicleta sem se poder desmanchar dela e sair do rio.

Segundo informações colhidas, porque estivesse muito novo o ciclista, não medindo bem os contornos da estrada enfiou escadas abaixo e às duas por três, em salto duplo encontrou-se no leito do rio.

O ciclista agora diverte-se com o sucedido, mas o caso era para sustos pois, apesar de se chamar «Jangada» ficou a saber que só o nome não basta e precisa de andar, para o futuro, munido de outras boias que lhe garantam ao menos o flutuar... para não perder os sapatos!

nerais de todas as variedades, aos mármoreos, às pirites, ao cobre, ao estanho e ao volfrâmio, mesmo até ao agora tão rebuscado urânio, passando pelo granito de que já se tem feito larga exportação e outros materiais que nos habilitam à grande factura de cacos, cimentos e seus derivados como mosaicos e azulejos.

Mes há ainda uma coisa, que só ele bastaria para dar a Portugal condições impeditivas da necessidade de se ter de procurar fora das fronteiras a forma de viver, essa coisa é esta natureza privilegiada da nossa terra, o seu clima ameno, a urbanidade da nossa gente, e, sobretudo, a tranqüilidade que aqui se desfruta, tudo em ordem e alreir essa multidão de estrangeiros com recursos que andam em busca de um sítio remansoso onde possam subtraír-se à vida delirante, esmeçadora, das suas cidades, fonte de cardíopalias e neuro-psicoses.

Prova de omnívota produtividade da terra Portuguesa, está provada também a afirmação que fazemos no começo deste arrojado de que temos território a mais e gente a menos, e se ainda restarem dúvidas a tal respeito vamos apresentar a «última razão» de tal afirmativa.

Segundo dados estatísticos, que fui colher ao Dicionário Prático Ilustrado, edição de 1955, de Lello & Irmão, a densidade demográfica nos seguintes seis países da Europa e por quilómetro quadrado era a seguinte: — Holanda, 300 habitantes; Bélgica, 280; Alemanha Federal 200; Grã-Bretanha, 200; Dinamarca, 100 e finalmente Portugal, 90 — isto tudo do aproximadamente, para não cortar as unhas muito rentes. Ora, se em nenhum de esses países se morre de fome, como é que em Portugal, onde estamos todos mais à larga, temos precisão de buscar no estrangeiro, a nossa subsistência?

E' certo que há um ou outro alemão, um ou outro inglês, um ou outro belga, etc., etc., que deixam a sua terra, mas é para irem como técnicos, como empresários, como especialistas explorar o que os aborígenes de outras nações não sabem aproveitar.

A circunstância de faltar nos Dinamarqueses três-nos à lembrança o Hamlet quando, apouquetado por um problema terrível, diz, na famosa tragédia de Shakespeare: «Há qualquer coisa pôdre no Dinamarca!»

Eu sempre me permito dizer que há qualquer coisa errada em Portugal! E o grande erro é o de continuarmos a considerar Portugal um país pobre, não faltando até quem o considere sub-desenvolvido, igual a essas novas nações (?) africanas cuja independência recente, como certos países prematuros obdidos por cesarismo só se verificou porque... os russos também têm a bomba atómica.

Conta se que um inglês, conhecedor de Portugal e dos portugueses, costumava dizer:

«Oh! Portugueses ter boa clima, boa fruta, bom vinho, não pode ter muita juízo porque não pode ter tudo bo».

Parece que o inglês tinha certa razão! Mes continuarei...

S. João de Madeira, 15-1-63.

A. S. S.